

# O OLHAR DA PESQUISADORA SOBRE SUA TRAJETÓRIA LINGUÍSTICA

## THE RESEARCHER'S VIEW ON HER INTELLECTUAL TRAJECTORY

Soeli Staub Zembruski<sup>1</sup>  
Adelcio Machado dos Santos<sup>2</sup>

Recebido em: 19 out. 2022.

Aceito em: 20 out. 2022.

### RESUMO

O presente texto é resultado de pesquisa e reflexão sobre a identidade linguística da pesquisadora. Formada a partir de uma trajetória peculiar, a mesma é apresentada por meio de comparação de dados com pesquisas anteriores, desenvolvidas por outros pesquisadores da região, acerca dos falares regionais do oeste de Santa Catarina. E, se propõe a descrever o contexto multilinguístico vivenciado durante o período da primeira infância e adolescência. Ao refletir sobre sua trajetória, a professora identifica influências e confluências que compõem sua identidade linguística e as observa no contexto da docência identificando a presença, ainda que ocasional, de características linguísticas do período de aquisição da fala e escrita. O estudo é a primeira etapa de um projeto de observação das características e peculiaridades das manifestações orais no espaço acadêmico. Nesse sentido, introduz a discussão que será ampliada por um segundo texto, a ser publicado em breve, e que traz uma pesquisa e observação das manifestações de comunicação oral em turma de mestrado na qual a professora atuou no contexto pandêmico com a transição das presenciais para as síncronas. O estudo não se pretende conclusivo, e sim, mais um passo no sentido de maior compreensão do processo de comunicação humana.

**Palavras chave:** Linguagem. Pesquisa. Introspecção.

### ABSTRACT

This text is the result of a research and a reflection about the researcher's linguistic identity. Built up from a peculiar pathway, it is presented in comparison with data provided by other previous researchers from the same region (Santa Catarina's Westside). The purpose of this study is to describe the multilingual context that was

---

<sup>1</sup> Doutora em Estudos da Tradução (UFSC). Pós- Doutora em Letras (UFPR). Graduada em Letras Português–Inglês. Possui Especialização em Metodologia do Ensino de Inglês. Mestrado em Estudos da Tradução pela UFSC. Professora do Mestrado em Práticas Transculturais da FACVEST em Lages/SC. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-3079-4177>. E-mail: [soelitradufsc@gmail.com](mailto:soelitradufsc@gmail.com).

<sup>2</sup> Doutor em Engenharia e Gestão do Conhecimento (UFSC). Pós-Doutor em Gestão do Conhecimento (UFSC). Docente, pesquisador e orientador no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Alto Vale do Rio do Peixe(UNIARP). ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-3916-972X>. E-mail: [adelciomachado@gmail.com](mailto:adelciomachado@gmail.com).

experienced by the professor in her early years and adolescence. Thinking about her trajectory, she identifies influences and confluences that are part of her linguistic identity and observe them in the teaching process identifying the presence, event eventual, of characteristics observed in childhood and teenage years. The study is the first part of a project that observes characteristics of oral communication in academic spaces. This way, it initiates the discussion that will be continued in a second text, that will be published soon, bringing a research on oral communication in a mastership program class in which the professor worked during the pandemic times and the transition from presencial classes into synchronous classes. This study does not intend to be conclusive, but another step to better comprehension about human communication.

**Keywords:** Language. Research. Insight.

## INTRODUÇÃO

O objeto de uma pesquisa, geralmente nasce de uma curiosidade e esta é fruto de uma inquietação pessoal. No caso deste trabalho, a curiosidade nasceu de minhas inquietações acerca do universo da linguagem e da comunicação humana, além de discussões fomentadas pelo grupo de pesquisa Novas Tecnologias no processo de Ensino e Aprendizagem (NOTEN) do qual participam colegas pesquisadoras e caras amigas com semelhantes interesses e históricos linguísticos similares ao meu. Foi alimentada por muitas e produtivas conversas com a professora Denise Cristina Kluge que acompanhou minha trajetória do estágio pós-doutoral no Programa de Pós-graduação em Letras da Universidade Federal do Paraná (UFPR) como supervisora e parceira.

Partindo do pressuposto de que para que se possa compreender o produto é necessário conhecer o processo, trago um breve histórico do relacionamento entre mim e a linguagem. Soeli Staub Zembruski, nascida no Extremo Oeste Catarinense, em 1974, no município de Itapiranga que dispunha do hospital mais próximo da comunidade de Linha Santa Ana, onde minha família residia. A pequena comunidade àquela época pertencia ao município de Descanso que, por sua vez, havia se emancipado de Chapecó.

## AS ORIGENS

O cenário político-geográfico explica um pouco da história dessa região constituída a partir de movimentos migratórios e disputas territoriais, os quais acabam por atribuir as características predominantes da comunidade, dentre elas, suas particularidades linguísticas. Ao considerarmos as palavras de RENCK e WINKLER (2018, p.10) “uma região não surge espontaneamente; mas, é construída processualmente, com avanços e recuos, deixando ilhas a serem incorporadas posteriormente.”

Na formação do estado de Santa Catarina, uma dessas ilhas a serem incorporadas foi justamente o Extremo Oeste que compreende a região mais próxima à fronteira com a Argentina. As particularidades da organização social e política dessa região estão diretamente ligadas à migração de colonos<sup>3</sup> vindos principalmente do Rio Grande do Sul em busca de melhores condições de vida, como observamos em STAUB (2014 p. 15)

No princípio eram apenas algumas pessoas imbuídas de um espírito conquistador, dispostas a enfrentar dificuldades da mata cerrada, a carência de recursos de toda a ordem, bem como a distância dos familiares que permaneceram no Rio Grande do Sul. Todavia, em março de 1939, o pioneiro Alberto Dalcanale demarcou o local em que foi construído o primeiro abrigo dos carpinteiros que ali chegaram, vindos da cidade gaúcha de Caxias do Sul.

O contexto evidencia o afastamento dos centros urbanos e um certo isolamento da comunidade local em relação a áreas mais povoadas e urbanizadas. Esse fator influencia diretamente costumes, tradições e linguagem de seus habitantes.

Assim como tantos outros, meus pais chegaram a essa região para fixar residência e constituir família; o ano era 1957, viajaram de ônibus de Santa Cruz do Sul - RS para Santa Catarina durante dois dias. Chegaram apenas com uma mala, uma mala de garupa<sup>1</sup> e três contos de réis<sup>4</sup> para pagarem pelas terras. Esse dinheiro

---

<sup>3</sup> Definido pelo dicionário Saraiva Jovem: dicionário da língua portuguesa ilustrado/ organização da editora São Paulo: Saraiva, 2010 como: Colono (s.m) 1. Imigrante que participa de uma colônia. 2. trabalhador rural que cultiva o solo em troca de pagamento

<sup>4</sup> Em uma conversão hipotética , disponível no site <https://www.diniznumismatica.com>, cerca de R\$ 369.000,00

deveria ser devolvido a meu avô Estevão Staub quando conseguissem se estabelecer.

Desembarcaram no “Quilômetro 40”, hoje Linha São Valentim, Descanso. Caminharam pela estrada aberta na mata até chegar ao rio Macaco de onde conseguiram uma carona que os conduziu à Linha Santa Ana onde haviam comprado sua terra. Durante os primeiros meses ficaram abrigados por Wilibado Weigel e tia Otília, irmã de meu pai. Após construírem um abrigo, meus pais se mudaram para sua propriedade e deram sequência a sua jornada. Repetiam, assim, uma prática antiga: a migração. Essa fez parte da história da família desde que temos notícias, pois assim como meus pais, descendentes de imigrantes alemães, também seus antepassados haviam cruzado o oceano em busca de uma nova vida. Os registros apontam para Nicolao Staub, pai de Estevão, meu avô, que teria desembarcado em São Leopoldo - RS na década de 1890, dando início a esse ramo de nossa descendência aqui no Brasil.

Desse modo, a pluralidade linguística acompanha a trajetória da família desde que se tem notícias. O idioma preferencialmente falado na casa dos Staub era o alemão. Não o idioma oficial/norma culta, mas manifestações orais transmitidas por gerações. Muito pouco se conhecia sobre a forma escrita da língua, usávamos um dialeto que os imigrantes trouxeram e misturaram ao Português que, por sua vez, era pouco estudado pelos pais que cursaram apenas os primeiros anos do que à época era o ensino fundamental. Minha mãe cursou até o segundo ano e o pai até o quarto das séries iniciais, obtendo assim, a alfabetização em Língua portuguesa, ainda que nem a professora dominasse o idioma. De forma que o letramento inicial foi bastante limitado. No entanto, é importante destacar que o gosto pela cultura e a busca do conhecimento também foram constantes na família que, com poucos recursos e muita autodidatia, incentivou o aprimoramento cultural e a escolarização de seus membros.

## **DESENVOLVIMENTO LINGUÍSTICO**

Para esse tópico, cabe uma referência ao conceito de norma culta a ser empregado neste trabalho: quando nos referimos à língua padrão, ou norma culta a entendemos como a ponta do iceberg a que se refere BAGNO (2014 p. 09) “A língua

é um enorme iceberg flutuando no mar do tempo, e a gramática normativa é a tentativa de descrever apenas uma parcela mais visível dele, a chamada norma culta.” E é no imenso corpo do iceberg que está nosso objeto de estudo. O uso real da linguagem para o qual buscamos traçar um panorama a partir das origens da comunidade linguística da pesquisadora que observa os fenômenos que as envolvem.

Voltando ao contexto familiar, não foi a pouca educação formal dos pais que instigou minha curiosidade em relação à comunicação. Cresci ouvindo tão diferentes falas: os pais usavam um idioma estrangeiro, assim como boa parte dos vizinhos e dos familiares que vinham em raras visitas. a comunicação entre os adultos dava-se por meio de dialetos de alemão e italiano misturados ao idioma oficial do Brasil. Crianças, na maioria das vezes, ouviam no idioma estrangeiro e se comunicavam em português. Esse universo composto por sons diferentes, palavras e sentidos pairava repleto de indagações: Se as pessoas falam duas línguas, em qual elas pensam? Se escuto e compreendo nesse idioma, porque não consigo falar? O que torna as línguas diferentes ou parecidas? Eram algumas das questões que aguçaram meu curioso espírito infantil.

Outra situação que despertou-me o interesse pela forma como falavam foi a constatação de que, mesmo entre os que supostamente falavam a mesma língua, os falares apresentam variações de pronúncia e entonação. Essas variações intrigavam-me enquanto procurava entender não somente o outro idioma como o porquê das variações.

Considerando que, além desse contexto familiar relativo aos pais e pessoas mais velhas, durante os primeiros anos escolares vividos da década de 80 houve o convívio com as outras crianças e irmãos mais próximos em faixa etária o que gerava uma nova situação, pois eram também oriundos de outras etnias, principalmente a italiana. Muitas vezes, essa convivência ocorria de forma multilinguística. Some-se a isso a influência do inglês apresentado pela escola como língua estrangeira e pela mídia que trazia as canções que passaram a ser minhas favoritas, embora não compreendidas, e teremos a multifacetada comunidade linguística de minha infância/adolescência.

Em meio a essa heterogeneidade, adquiri as primeiras habilidades comunicativas. A variação trazida pelos primeiros anos escolares, as formas diferentes das usadas em casa e também o rótulo certo e errado. Por exemplo, em casa o prato feito com batatas inglesas amassadas chamávamos “pirê” enquanto a professora dizia ser purê a forma correta, corrigindo veementemente minha fala o que gerava frustração e um sentimento de que não eu sabia falar corretamente. Muitas vezes, cheguei a duvidar de minhas capacidades, especialmente quando trocava as letras e escrevia “fotos” querendo dizer votos.<sup>5</sup>

Entre as crianças, cada correção soava como um xingamento e virava motivo para desmerecimento dos colegas que passavam a repetir as palavras e frases em tom de zombaria. Lembro bem das crianças descendentes de imigrantes italianos e os problemas com o 'r' em sílabas compostas, como por exemplo para a palavra **dentro** diziam **drento**. Também usavam o vocabulário aproximado na língua que ouviam em casa, o qual era profundamente marcado pela língua dos pais. Como por exemplo **veleno** para **veneno**, o que era motivo para muitas chacotas dos amigos que desconheciam a origem italiana da palavra. Já para os descendentes de alemães, o sotaque carregado de uma pronúncia característica e a difícil distinção dos sons de /f/ e /v/ , /d/ e /t/, também de /p/ e /b/ causavam muito constrangimento e dificuldades na escrita, o que resultava em uma ortografia muito peculiar: **babai** para **papai**, por exemplo.

Havia ainda um terceiro grupo na comunidade composto por trabalhadores temporários que se abrigavam nas terras dos pequenos produtores rurais e para os quais trabalhavam, às vezes por salário, mas, na maioria das vezes, por parte da produção. “As meia” era o termo utilizado para descrever a parceria na qual o proprietário entrava com a terra e as sementes e o trabalhador com o serviço. A formação social da comunidade replica uma realidade nacional vivenciada em grande parte da região sul do Brasil nas décadas de 1970, 1980 e 1990. Nesse contexto, especificamente, o que dividia a população em dois grupos sociais era a posse da terra. Ainda que se tratando de pequenas áreas que variavam de 12 a 24 hectares

---

<sup>5</sup> A troca do grafema v por f, é bastante comum entre os descendentes de alemão, pois o grafema (v) tem pronúncia bastante similar ao (f), sendo que o (v) pode ser facilmente confundido com (f), como na palavra Volk [fɔlk] / pessoas, por exemplo.

(hectare= 10.000 m<sup>2</sup>), a condição é privilegiada se comparada com os que não possuíam terras. Esses, na sua maioria, eram descendentes de caboclos e falavam uma variante linguística própria e caracterizada pela omissão do “lh” e do “r” em palavras como “**mió**” para melhor e “**mio**” para milho assim como a omissão dos plurais nas concordâncias com substantivos e adjetivos **as pranta** para as **plantas**, entre outras peculiaridades de uma linguagem coloquial que é observada também em outras localidades do país.

A composição social da comunidade, certamente se reflete nos fenômenos linguísticos ali verificados. Inicialmente, consideremos que a localização geográfica era muito isolada, distante das capitais e mesmo de vilas maiores, talvez por isso, o pequeno povoamento mantinha características próprias de comunicação, com pouca influência externa. Considerando que, de acordo com estudo desenvolvido pela Prof<sup>a</sup> Lodenir Becker Karnopp, pesquisadora da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC)UFSC<sup>6</sup> “A diversidade de dialetos tende a aumentar conforme o isolamento comunicativo (ou geográfico) entre os grupos” explicam-se as variações características daquela região que criaram para si um canal de comunicação próprio do grupo e que passa a interagir com diferentes formas de comunicação de seus componentes até o ponto de percebermos que muitos dos termos antes restritos a uma etnia passaram a ser de uso comunitário. Exemplo disso é a palavra **Kerb** que denominava a festa da colheita em alemão e passou a designar **/quérpe/** também a festa da comunidade em homenagem à Santa Ana, padroeira católica do povoado e portanto mencionada por todos independentemente de conhecer o termo original ou não. No mesmo sentido, também foi possível observar que muitos imigrantes alemães e italianos incorporaram variações dos caboclos como em **coiê** para colher (verbo) evidenciando o surgimento de um linguajar característico daquela comunidade naquele contexto de minha infância.

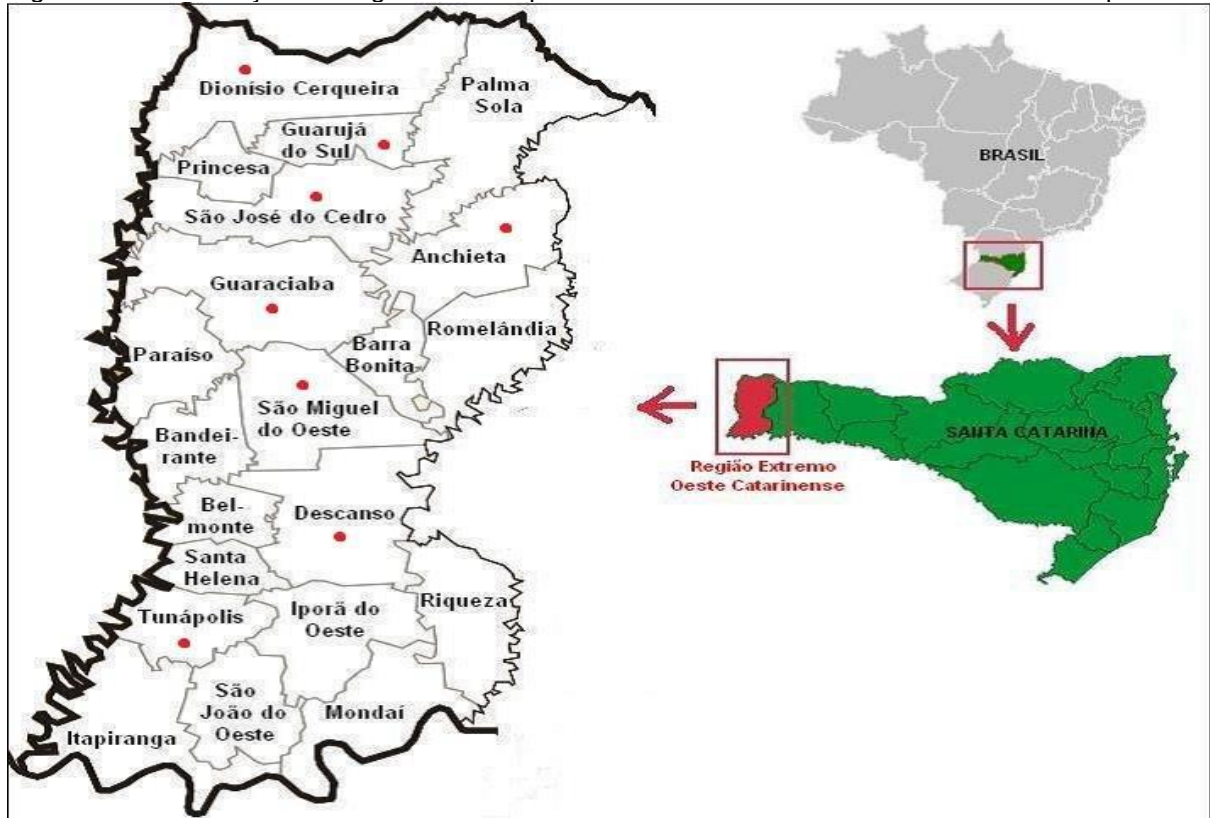
A Figura 01 apresenta a atual divisão política da região Extremo Oeste de Santa Catarina. Cabe destacar que a comunidade a que este estudo faz menção, Linha

---

<sup>6</sup> disponível na página Letras Libras: (<https://www.libras.ufsc.br/colecaoLetrasLibras/eixoFormacaoBasica/foneticaEFonologia/scos/cap14712/1.html>)

Santa Ana, atualmente pertence o município de Santa Helena o qual emancipou-se de Descanso em 1992.

Figura 01 - Localização da Região e Municípios do Extremo Oeste Catarinense no estado e país.



Fonte: Gazolla, Marcio & Lovatel, Marlise. (2020) p, 08.

Esse cenário linguístico particular de comunicação observado na região extremo Oestes de Santa Catarina foi também estudado por Barba e Oliveira (2004) em uma pesquisa que busca compreender as diferentes manifestações ocorridas na região. O Quadro 1 revela termos e variações identificados nos Municípios de São Miguel do Oeste e Dionísio Cerqueira em comparação com São José do Cedro e Itapiranga em relação à morfologia. A esse estudo, o Quadro 1 se faz relevante no sentido de fornecer exemplos de variações na norma culta identificados na região para posterior análise em relação às formas empregadas ou não pela pesquisadora no exercício da docência em espaço acadêmico.



## MORFOSSINTÁTICA

SÃO MIGUEL DO OESTE E DIONÍSIO CERQUEIRA		SÃO JOSÉ DO CEDRO E ITAPIRANGA	
<b>PALAVRAS</b>			
<b>GÊNERO</b>			
Gênero de "soja"	O soja	A soja	
<b>PLURALIZAÇÃO</b>			
Pluralização de "uma casa".	<b>Muitas casa</b>		
Pluralização de "um paiol".	<b>Muitos paiol</b>		
Pluralização de "uma pequena casa".	<b>Muitas pequenas casa</b>		
Pluralização de "pão" e "três pães gostosos".	<b>Muitos pão</b>		
<b>FORMA DE TRATAMENTO</b>			
Concordância em pessoa no trato de "filho com sua mãe".	<b>O fez teu/tua</b>		
Uso de artigo antes do nome da pessoa.	<b>SEM artigo</b>		<b>COM artigo</b>
Concordância verbal no tratamento de "filho com sua mãe".	<b>Verbo 3ª pessoa (sujeito O).</b>		
Concordância do passivo com o sujeito no	<b>Teu/tua (sujeito O)</b>		

Quadro 01 – Dados comparativos entre os informantes de São Miguel do Oeste e Dionísio Cerqueira, versus São José do Cedro e Itapiranga na área da morfossintática. (BARBA e OLIVEIRA, 2004 P 06/07)

O Quadro 01 nos fornece exemplos das variações verificadas nos municípios da região e que foram muito presentes em minha infância e adolescência. Nenhuma dessas formas apresentadas é estranha, ou desconhecida para mim. Veremos, contudo, se as mesmas foram incorporadas à minha fala considerando que vivi nessa região até os 24 anos de idade. Após esse período, mudei-me para a vizinha cidade de Maravilha SC onde o cenário linguístico é bastante similar.

No que se refere à escolarização, meus primeiros anos, hoje equivalente às séries iniciais do Ensino Fundamental, se deram em uma escola multisseriada na comunidade rural de linha Santa Ana, seguidos de um intervalo de três anos devido à ausência de oferecimento do curso ginásial nessa localidade. Diante dessa realidade, foi necessária a mudança de cidade para São Gabriel - RS onde havia a oportunidade de trabalho como babá e empregada doméstica na casa de meu irmão. Após um breve período, houve o retorno para região oeste de Santa Catarina para continuidade do ensino fundamental e médio no referido contexto linguístico. A graduação, por sua vez, foi realizada na cidade de Palmas, Paraná. Especialização em São Miguel do Oeste - SC, mestrado e doutorado em Florianópolis, Santa Catarina e Pós doutorado em Curitiba, Paraná. No campo da atuação profissional, o exercício do magistério se deu na região Oeste de Santa Catarina, com exceção do período trabalhado no mestrado profissional em Lages, Santa Catarina, desde 2019. De modo que o contexto linguístico predominante tanto na formação quanto na atuação profissional corresponde ao cenário contemplado na pesquisa de Barba e Oliveira.

Quanto ao vocabulário apresentado no Quadro 01, todas as expressões fizeram parte de meu acervo linguístico. De modo que, embora sejam manifestações observadas e comparadas entre diferentes municípios, estavam presentes na fala e no conhecimento linguístico dos habitantes da região e, assim, corroboram a aquisição de conhecimento linguístico ora observado. Frente a que surge a indagação: estariam ainda presentes em minhas manifestações orais, mesmo após tanto tempo, variação de espaço geográfico e escolarização?

A resposta a essa questão será apresentada em um segundo artigo denominado: A Oralidade no Espaço Acadêmico, que apresenta um olhar analítico sobre as manifestações linguísticas, destacadamente a oralidade, num contexto de adaptação de aulas presenciais para o sistema de aulas síncronas em virtude da pandemia de COVID-19.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante da observação da trajetória acima descrita, é possível constatar a influência das primeiras comunidades linguísticas na formação de vocabulário e nas formas de comunicação que são empregadas ao longo da vida, inclusive em espaços costumeiramente destinados a diferentes padrões de linguagem. A continuação desse estudo trará a observação das manifestações orais, da professora e dos estudantes de uma turma de mestrado, durante o período pandêmico. Também a percepção desses estudantes em relação à adequação linguística no ambiente virtual, bem como suas percepções em relação à comunicação oral no espaço acadêmico.

## REFERÊNCIAS

BAGNO, Marcos. **Preconceito Linguístico**: o que é, como se faz. São Paulo: edições Loyola, 2014.

BARBA, Mercedes Terezinha de; OLIVEIRA, Gilvan de. A Variação Linguística no Extremo Oeste. In: Círculo dos estudos Linguísticos do Sul. 6. ed. Florianópolis. **Anais...** Editoração eletrônica, 2004. Disponível em [http://www.leffa.pro.br/tela4/Textos/Textos/Anais/CELSUL\\_VI](http://www.leffa.pro.br/tela4/Textos/Textos/Anais/CELSUL_VI) acesso em 19/08/2021

GAZOLLA, Marcio; LOVATEL, Marlise. Novidades construídas no Sistema de Produção do Leite Orgânico na Região Extremo Oeste de Santa Catarina. **Redes**. V. 25, p. 1422-1446, 2020. DOI: 10.17058/redes.v25i3.12124.

<https://www.libras.ufsc.br/colecaoLetrasLibras/eixoFormacaoBasica/foneticaEFonologia/scos/cap14712/1.html>. **Unidade 1: Variação linguística nos falares do Brasil**. p 07

RENCK, Arlene e WINCKLER, Silvana, A formação socioeconômica da região oeste de Santa Catarina – uma narrativa acerca de franjas e retalhos da identidade regional. In: Cadernos do CEOM, Território, migração e diversidade - v 31,n.49. ISSN 2175-0173. DOI: <http://dx.doi.org/10.22562/2018.49.01>

STAUB, Euclides; Staub, José Raul. Povoamento e Colonização do Extremo Oeste de Santa Catarina. São Miguel do Oeste: Gráfica e editora São Miguel, 2014